

# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025

SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

## A CONSTRUÇÃO DE REDES DE APOIO À COMUNIDADE LGBTQIA+: O ATENDIMENTO DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM FOCO

Júlia Oliveira da Silva<sup>1</sup>, Marcel Lima Cunha<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as vivências da população LGBTQIA+ em ambientes de prática de exercício físico, com foco no acolhimento por profissionais de Educação Física e os desafios enfrentados diante de preconceitos estruturais. A pesquisa buscou compreender de que forma a identidade e a visibilidade influenciam a participação dessas pessoas em espaços esportivos e de exercício, considerando aspectos sociais e culturais que permeiam essas práticas. A metodologia adotada foi qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com sete participantes LGBTQIA+ (duas pessoas bissexuais, duas lésbicas, dois gays e uma pessoa trans), cujos relatos foram submetidos à análise temática. Os resultados evidenciaram que, embora alguns ambientes apresentem avanços em relação à inclusão e respeito à diversidade, ainda há barreiras significativas, como falta de preparo de profissionais para lidar com a temática, episódios de discriminação e escassez de políticas voltadas à equidade. Por outro lado, experiências positivas destacaram a importância de redes de apoio, linguagem acolhedora e ambientes que promovam segurança e pertencimento. Conclui-se que a promoção de espaços inclusivos depende tanto de ações institucionais quanto da sensibilização e capacitação de profissionais da área, sendo fundamental considerar a interseccionalidade e a singularidade das vivências LGBTQIA+ para garantir bem-estar e adesão às práticas físicas.

**Palavras-chaves:** Rede de Apoio; Inclusão; LGBTQIA+; Representatividade; Acolhimento.

### 1 INTRODUÇÃO

A Educação Física exerce papel relevante na promoção da saúde, no desenvolvimento social e na formação de hábitos saudáveis, indo além da instrução técnica e englobando dimensões culturais, sociais e psicológicas (Lucena, 1994). Profissionais da área podem atuar como agentes de inclusão, construindo relações de respeito e pertencimento comunitário.

Apesar dos avanços legais e sociais, a população LGBTQIA+ ainda enfrenta discriminação, exclusão e violência, impactando a saúde física e mental e a adesão a práticas corporais. Dados recentes indicam altos índices de violência contra esse grupo

---

<sup>1</sup> Graduanda em Educação Física. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Curso de Educação Física. E-mail: [juliaoliveira098765@gmail.com](mailto:juliaoliveira098765@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor do Curso de Educação Física. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Curso de Educação Física. E-mail: [marcel\\_lima@uvanet.br](mailto:marcel_lima@uvanet.br)

# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025  
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

no Brasil, evidenciando barreiras estruturais e o medo de ocupar espaços marcados pela heteronormatividade (Brasil, 1988; Borrillo, 2010; Miskolci; Balieiro, 2011).

Em escolas, academias e centros de treinamento, essas barreiras se manifestam de forma explícita ou sutil, reforçadas pela homofobia e pelo baixo preparo de profissionais para lidar com a diversidade, aumentando riscos de isolamento e sofrimento psicológico (Peluso; Andrade, 2005; Tannuri, 2017). Por outro lado, práticas inclusivas, como respeito ao nome social e uso de linguagem neutra, favorecem autoestima, socialização e bem-estar (Assunção, 2020; Brandão, 2022).

Diante disso, é fundamental preparar profissionais de Educação Física para atuar com sensibilidade, valorizando diferentes identidades e expressões de gênero, mediando conflitos e promovendo ambientes seguros e acolhedores (Britzman, 1996).

Objetivo geral: Analisar as vivências da população LGBTQIA+ em ambientes de exercício físico, com foco no acolhimento promovido por profissionais de Educação Física.

Objetivos específicos: 1) Identificar barreiras enfrentadas pela população LGBTQIA+; 2) Investigar estratégias de inclusão adotadas por profissionais; 3) Discutir competências necessárias para criar ambientes seguros, acolhedores e inclusivos.

A relevância do estudo reside na compreensão e aprimoramento de práticas inclusivas, contribuindo para a promoção da saúde, equidade e bem-estar da população LGBTQIA+, além de orientar a formação de profissionais conscientes e preparados para atuar em uma sociedade diversa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo articula conceitos e debates sobre diversidade sexual, identidade, direitos humanos, inclusão social e a participação da população LGBTQIA+ em ambientes de educação física e esporte. A análise se concentra nos avanços históricos, desafios contemporâneos, construção da identidade e bem-estar, enfatizando a importância da prática esportiva e de redes de apoio para a promoção da inclusão e da saúde integral.

# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025

SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

## 2.1 Desafios e avanços: origem da sigla LGBTQIA+ e direitos humanos

O ativismo LGBTQIA+ emergiu formalmente no século XIX, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, quando Karl-Maria Kertbeny (1869) introduziu o termo “homossexualidade” com o objetivo de desestigmatizar identidades sexuais não heteronormativas. Esse movimento de reconhecimento e luta por direitos ganhou força nas décadas seguintes, culminando na Revolta de Stonewall em 1969, considerada o marco do movimento moderno pelos direitos LGBTQIA+ (Reis et al., 2018). No bairro de Greenwich Village, travestis e gays se levantaram contra a repressão policial, iniciando uma semana de protestos que deram origem ao Dia do Orgulho LGBTQ+. A partir desse evento, surgiram organizações comunitárias e as primeiras paradas do orgulho, que se tornaram símbolos de resistência, visibilidade e luta por igualdade.

Nos anos 1970, a visibilidade cresceu com a primeira Marcha do Orgulho e a desclassificação da homossexualidade como doença mental pela Associação Americana de Psiquiatria, contribuindo para a luta por reconhecimento e direitos civis. No entanto, a epidemia de AIDS na década de 1980 representou um novo desafio, evidenciando a importância do acesso à saúde e à informação.

No contexto brasileiro, a homossexualidade sempre esteve marcada por estigmas sociais, reforçados pela moralidade religiosa e pela legislação repressiva. Durante o período colonial e imperial, práticas homoeróticas eram condenadas moralmente, e mesmo sem criminalização explícita, indivíduos LGBTQIA+ eram marginalizados. A Lei de Vadiagem de 1940, implementada durante o Estado Novo, criminalizou comportamentos associados à homossexualidade, reforçando a exclusão e estigmatização social (Miskolci, 2007). Durante a Ditadura Militar (1964-1985), a repressão intensificou-se, obrigando muitos a ocultarem suas identidades.

Após a promulgação da Constituição Federal de 1988, o Brasil avançou em termos de direitos civis, consolidando conquistas como a retirada da homossexualidade da lista de doenças mentais pela Organização Mundial da Saúde (1999), o reconhecimento da união estável homoafetiva pelo Supremo Tribunal Federal (2011) e a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo (2013). Entretanto, apesar desses avanços, a

# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025

SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

população LGBTQIA+ ainda enfrenta violência, discriminação e tentativas de retrocesso promovidas por grupos conservadores (RAMOS, 2022).

A sigla LGBTQIA+ reflete a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais, representando diferentes grupos: L (lésbicas), G (gays), B (bissexuais), T (transexuais, travestis e transgêneros), Q (queer), I (intersexuais), A (assexuais e aliados) e + (outras identidades, como pansexuais e não-binários). Cada letra da sigla possui bandeiras simbólicas, reforçando visibilidade e pertencimento (Ramos, 2022).

O esporte e a atividade física exercem papel central na vida de pessoas LGBTQIA+, promovendo saúde física, bem-estar emocional e social. Atletas LGBTQIA+ de alta performance contribuem para a normalização da diversidade e incentivam a participação em ambientes esportivos, fortalecendo a autoestima e a sensação de pertencimento da comunidade (idem, 2022).

Além disso, a prática esportiva é reconhecida por reduzir níveis de estresse, ansiedade e depressão, frequentemente exacerbados por experiências de discriminação. Redes de apoio, conforme Bronfenbrenner (1979/1996), são essenciais, pois a interação entre indivíduo e ambiente influencia a percepção de suporte social e a construção da identidade. Brito e Koller (1999) reforçam que vínculos afetivos são fundamentais para proteção e fortalecimento do indivíduo, especialmente em contextos de marginalização.

## **2.2 A população LGBTQIA+ e sua identidade: resistência, cultura e bem-estar**

A diversidade sexual não conformista ao padrão binário homem-mulher nunca foi totalmente aceita. Butler (2003) destaca que a regulação binária da sexualidade suprime identidades subversivas, limitando a expressão de sujeitos que rompem com normas heteronormativas. O preconceito e a homofobia produzem impactos sociais, psicológicos e físicos significativos, afetando a construção da identidade individual e coletiva (JÚNIOR, 2023).

A experiência de indivíduos LGBTQIA+ é marcada por interseccionalidade, envolvendo fatores como raça, classe social, condição econômica, religião e deficiência. Crenshaw (2002) define a interseccionalidade como o estudo das consequências estruturais da interação entre múltiplos eixos de opressão, incluindo racismo, patriarcado

# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025

SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

e discriminação de classe. Essa perspectiva é crucial para compreender que a marginalização não é uniforme, e que indivíduos enfrentam barreiras distintas dependendo de suas múltiplas identidades.

Os movimentos sociais desempenham papel fundamental na ampliação da visibilidade e garantia de direitos da população LGBTQIA+. Eles mobilizam indivíduos em torno de percepções de injustiça e moralidade, compartilhando experiências e promovendo conscientização social. A participação em espaços políticos e comunitários permite que as demandas da população LGBTQIA+ sejam ouvidas e atendidas, fortalecendo a luta coletiva por justiça e equidade.

O esporte e a Educação Física configuram espaços estratégicos para a inclusão e o empoderamento da população LGBTQIA+. Participar de atividades físicas promove saúde, socialização, senso de pertencimento e autoestima, especialmente em contextos nos quais a discriminação ainda é prevalente. A presença de atletas LGBTQIA+ como modelos de referência inspira jovens e adultos, mostrando que a identidade sexual ou de gênero não é obstáculo para a realização esportiva (Ramos, 2022).

Além disso, ambientes esportivos inclusivos favorecem redes de apoio social, fortalecendo vínculos afetivos e a proteção psicológica. Bronfenbrenner (1979/1996) e Brito e Koller (1999) enfatizam a importância dessas redes para o desenvolvimento integral e o bem-estar emocional. A Educação Física, quando orientada por princípios inclusivos, contribui para a promoção de igualdade, respeito à diversidade e construção de ambientes seguros para a expressão da identidade.

As experiências de indivíduos LGBTQIA+ são moldadas por fatores interseccionais que amplificam ou modulam os desafios enfrentados. Uma pessoa negra e LGBTQIA+, por exemplo, pode vivenciar discriminação simultânea por raça e orientação sexual, enquanto pessoas com deficiência podem enfrentar barreiras físicas e sociais adicionais. A interseccionalidade permite compreender essas múltiplas dimensões de exclusão e a necessidade de políticas inclusivas adaptadas às diferentes realidades (Crenshaw, 2002).

Movimentos sociais e espaços comunitários atuam como catalisadores de visibilidade e direitos, promovendo conscientização e resistência frente a tentativas de

# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025  
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

retrocesso. A participação da população LGBTQIA+ em instâncias políticas, educacionais e esportivas é fundamental para garantir que suas necessidades sejam atendidas e que o respeito à diversidade seja efetivamente incorporado na sociedade.

### 3 METODOLOGIA

Este estudo teve como objetivo compreender a percepção da população LGBTQIA+ sobre ambientes de prática de exercícios orientados por profissionais de Educação Física, identificando fatores que influenciam a inclusão e o sentimento de pertencimento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo levantamento, de caráter descritivo, buscando explorar experiências, sentimentos e emoções dos participantes de forma aprofundada (Minayo, 2010).

O público-alvo consistiu em pessoas LGBTQIA+ com 18 anos ou mais, residentes em Sobral, que participam regularmente de atividades físicas sob orientação profissional há pelo menos um ano. Foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão para garantir foco e relevância na análise: apenas indivíduos LGBTQIA+ ativos em exercícios, residentes em Sobral, foram incluídos; pessoas fora desses critérios foram excluídas.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas (Manzini, 1990), realizadas em locais definidos pelos participantes ou nas dependências da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Antes das entrevistas, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assegurando informações sobre objetivos da pesquisa, confidencialidade e voluntariedade. Foram realizadas 8 entrevistas, gravadas para garantir precisão na transcrição e análise. O roteiro contemplou dados sociodemográficos e quatro perguntas abertas sobre inclusão, acolhimento e atuação dos profissionais de Educação Física.

A análise dos dados seguiu os princípios da análise de conteúdo, permitindo identificar temas e padrões nas respostas (Bardin, 2016). A pesquisa respeitou os princípios éticos da Resolução CNS nº 466/2012 (Brasil, 2012) e foi aprovada pelo Comitê de Ética da UVA (parecer nº 7.620.583), garantindo anonimato, sigilo e possibilidade de interrupção da participação a qualquer momento.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas buscou compreender as vivências da população LGBTQIA+ em ambientes de práticas de exercícios físicos. A partir da análise temática, emergiram três eixos centrais: (1) Vivências LGBTQIA+ nos espaços de exercício físico: visibilidade, representatividade e exclusão; (2) Atuação profissional e ambiente social: acolhida, sensibilidade e comunicação; e (3) Obstáculos culturais e preconceitos estruturais: normas sociais, estigmas e violência simbólica. Esses temas revelam padrões recorrentes nas narrativas e são discutidos à luz do referencial teórico.

### 4.1 Vivências LGBTQIA+ nos espaços de exercício físico: visibilidade, representatividade e exclusão

Os participantes relataram que, embora os espaços de exercício promovam saúde e bem-estar, frequentemente reproduzem estruturas sociais normativas, causando desconforto, vergonha e invisibilização. Comentários, olhares e microagressões sutis geram exclusão simbólica.

A presença de profissionais LGBTQIA+ foi apontada como fator de acolhimento e pertencimento, proporcionando empatia e compreensão das particularidades de seus corpos e vivências. Como destacou uma participante: “Tem que haver uma pessoa ali que é da comunidade, ter representatividade e também procurar dialogar com o aluno.” (Vitória)

Esses relatos evidenciam que a representatividade não é apenas simbólica, mas prática, influenciando a sensação de segurança e inclusão. A literatura corrobora que discursos inclusivos são insuficientes se persistem comportamentos excludentes (Ramos, 2022; Louro, 2000).

### 4.2 Atuação profissional e ambiente social: acolhida, sensibilidade e comunicação

As entrevistas indicam que a atuação ética dos profissionais é fundamental para criar ambientes acolhedores. Práticas como escuta ativa, linguagem inclusiva e respeito às identidades geram efeitos significativos no bem-estar emocional e pertencimento. “No

diálogo entre professor e aluno, quando o(a) professor(a) é mais empático(a), o(a) aluno(a) fala, conversa, desabafa.” (Daniel)

Por outro lado, a ausência de posicionamento frente à discriminação ou a omissão de ações concretas compromete o acolhimento. A literatura aponta que reconhecimento das identidades LGBTQIA+ exige atitudes éticas contínuas, não apenas tolerância formal (Carrara; Vianna, 2006; Lins, 2025).

O clima institucional é construído pelas interações cotidianas, sendo fortemente influenciado pelo comportamento dos profissionais. Relações positivas favorecem o desenvolvimento emocional e social, enquanto omissões perpetuam violências simbólicas (Brito; Koller, 1999).

### **4.3 Obstáculos culturais e preconceitos estruturais: normas sociais, estigmas e violência simbólica**

Os participantes relataram que normas heteronormativas e estereótipos de gênero moldam expectativas sobre corpos e comportamentos, gerando desconforto e silenciamento. Homens gays afeminados, mulheres lésbicas masculinizadas e pessoas trans frequentemente se sentem deslocados: “Eu sentia que não podia ser quem eu era. Se eu não fingisse ser ‘macho’, me olhavam torto ou riam.” (Henrique)

A presença de atitudes cis-heteronormativas e a resistência de alguns alunos reforçam barreiras simbólicas e estruturais. Além disso, lacunas na formação de profissionais de Educação Física para lidar com diversidade aumentam a desigualdade, reproduzindo a violência simbólica descrita por Bourdieu (1997).

Essas barreiras demonstram que a exclusão não ocorre apenas por agressões diretas, mas por práticas sutis de invisibilização, reforço de estereótipos e ausência de políticas institucionais de inclusão (Ramos; Carrara, 2006).

Os resultados evidenciam que a presença de práticas acolhedoras, representatividade e enfrentamento das normas heteronormativas impacta diretamente na experiência da comunidade LGBTQIA+ em espaços de exercício físico. Para promover ambientes mais inclusivos, são necessárias formações profissionais adequadas e políticas institucionais que reconheçam e acolham a diversidade.

# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025  
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender a percepção de pessoas LGBTQIA+ praticantes de exercício físico sobre os fatores que influenciam a inclusão e o sentimento de pertencimento em ambientes orientados por profissionais de Educação Física. A partir da análise temática das entrevistas, identificaram-se três eixos principais: visibilidade, representatividade e exclusão; atuação profissional como agente de acolhimento e diálogo; e obstáculos culturais e estruturais relacionados a normas heteronormativas e estigmas de gênero.

Os resultados evidenciam que, embora existam avanços pontuais em práticas de acolhimento, ainda predominam desafios ligados à invisibilização de identidades e à ausência de representatividade nos espaços de prática corporal. Atitudes como o uso de linguagem inclusiva, a escuta ativa e o respeito às identidades são percebidos como fundamentais para a construção de ambientes seguros e inclusivos, corroborando Ramos (2022), para quem a promoção de discursos inclusivos carece de efetividade se mantidas estruturas e comportamentos excludentes.

O estudo contribui para a Educação Física ao destacar a importância de uma formação ética, crítica e sensível à diversidade, evidenciando que a inclusão demanda ação consciente frente às normas sociais excludentes e à dominação simbólica naturalizada, conforme Bourdieu (apud Jubé et al., 2023).

Entre as limitações, destacam-se o recorte geográfico restrito à cidade de Sobral-CE e o número reduzido de participantes. Sugere-se, para pesquisas futuras, ampliar o universo investigado, incluindo profissionais de Educação Física e diferentes contextos de prática corporal.

Conclui-se que o exercício físico possui potencial para se tornar um espaço de pertencimento, mas ainda representa, para muitas pessoas LGBTQIA+, um território de tensões e resistências. Superar essas barreiras requer redes de apoio, políticas institucionais inclusivas e o compromisso de profissionais em adotar práticas éticas, acolhedoras e equitativas, considerando não apenas o corpo biológico, mas também seu caráter social e simbólico, carregado de histórias, identidades e lutas.

# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025

SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

## REFERÊNCIAS

ANDRES, Suélen de Souza; JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (UFSM). *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 26, n. 2, p. 167–179, 2. trim. 2015. DOI: 10.4025/reveducfis.v26i2.23016.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2016.

BOHM, A. M.; DORNELLES, P. G. Repercussões docentes: a produtividade do “educando”. In: PASINI, E. (org.). *Educando para a diversidade*. Porto Alegre: Nuances, 2007. p. 67–72.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRITO, R. C.; KOLLER, S. H. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In: CARVALHO, Alysson Massote (org.). *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, M. *Ética e diversidade na Educação Física*. São Paulo: Cortez, 2006.

JUBÉ, Milene de Oliveira Machado Ramos; CAVALCANTE, Claudia Valente; CASTRO, Claudia Maria Jesus. Violência simbólica para Pierre Bourdieu: a relação com a escola contemporânea. In: COLÓQUIO ESTADUAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR, 1., 2023, Mineiros, GO. *Anais [...]*. Mineiros: UEG, 2023.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. Ética, inclusão e interculturalidade em educação. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 126, p. 1–17, jan./mar. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362025003304905>. Acesso em: 6 mar. 2026.

LUCENA, Ricardo. *Quando a lei é a regra: um estudo da legislação da Educação Física escolar brasileira*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desporto, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MANZINI, J. *Métodos de pesquisa qualitativa: uma abordagem prática*. São Paulo: Loyola, 1990.

# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025

SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. *Teoria, método e criatividade: pesquisa social*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

RAMOS, Fabricio Addêo. *Diversidade e inclusão no esporte: estudo sobre as conquistas e os desafios da comunidade LGBTQIA+ no Brasil*. São Paulo: Bruno Teixeira, 2022.

RAMOS, Silvia; CARRARA, Sérgio. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 185–205, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/FhBnN9YjZT9ZhsKSwDrddWP>. Acesso em: 6 mar. 2026.

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2023*. Disponível em: <https://antra.org.br>. Acesso em: 6 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.